

DA ARTE, DA CIÊNCIA, DAS TEORIAS E DA CRÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Todos os progressos das civilizações, pelos quais os homens se educam, têm como fim que os conhecimentos e habilidades adquiridos sirvam para o uso do mundo, mas no mundo o objeto mais importante do qual o homem pode aplicá-los é o ser humano, porque ele é seu próprio fim último.

Immanuel Kant,
(In: *Antropologia de um ponto de vista pragmático*,
São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 21).

Num mundo regido pela diversidade cultural, vivemos, ininterrupta e diuturnamente, atropelados pelas mutações, pelas turbulências sociais, pelo descrédito às velhas instituições, oscilando entre o respeito (inevitável) e a transgressão (criativamente desejável) ao cânone. Se, por um lado essa diversidade incide na nossa realidade positivamente, proporcionando intercâmbio de valores, favorecendo a democratização (ainda que relativa) dos bens culturais, por outro lado, no irreversível processo globalizante e de massificação que, como característica dos nossos dias, ocorre em todos os níveis, perdemos as nossas marcas identitárias. Divididos entre buscas e incertezas, não raro, distanciamos-nos das nossas origens, colocamos em cheque as nossas crenças e certezas, descartamos as nossas especificidades em favor de uma padronização niveladora e, sem dúvida, redutora. Ávidos por informações, transitamos entre tensões e conflitos de toda a ordem. Nos nossos tempos, no aqui e agora, as necessidades e reivindicações são muitas, os pontos de fricção entre possibilidades não só de contrapontos, mas, também, de confrontos explícitos tornam-se mais incisivos e contundentes. À mercê dessa conjuntura, tentamos encontrar respostas convincentes às exigências do contexto e, ao mesmo tempo, adiamos ou escamoteamos receios, dúvidas e aspirações.

Ainda que assistamos, entre perplexos, fascinados, temerosos, mas indubitavelmente seduzidos, ao avanço das tecnologias, principalmente as digitais, a palavra, apesar da sua notória precariedade, continua ainda a ser o signo primordial que, na vida, na arte, na ciência, nos círculos de comunicação, e agora, também nas mais diversas mídias, nos representa. Palavra e imagem – nos campos comunicativos e artísticos - dão-se as mãos e, juntas, abrem novas sendas jamais antes

imaginadas nos processos de representação. A velocidade e o volume de informações nos surpreendem e nos atordoam. Esse excesso de informação, paradoxalmente, ante a nossa incapacidade de absorção, de apreensão, redundante, como não poderia deixar de ser, em alienação. Vivemos num mundo onde tudo se entrelaça, tudo se contrapõe, tudo se intersecciona. Atenuando as fronteiras, não há mais, entre as diversas instâncias do saber, limites definidos e estanques.

Nessa multiplicidade cultural que caracteriza a contemporaneidade, que imagens ou que discursos nos representam? Que indagações se tornam prementes? Como formular questões que sejam verdadeiramente representativas para a contemporaneidade? Onde a originalidade? Como, no ato da criação, fugir à decantada *angústia da influência*? Usando a metáfora bíblica, como separar o joio do trigo?

Para tentar responder um pouco disso tudo, compondo um variado mosaico discursivo, está novamente disponível online mais um número da nossa *Artefactum - Revista de estudos das linguagens da arte e da tecnologia*. Os temas dos trabalhos arrolados nessa edição, acompanhando a dança da diversidade, são muitos e variados: análises e reflexões sobre discursos falados, escritos, desenhados, virtualizados, versando sobre moda, histórias em quadrinho, contos de fadas contemporâneos, mídias (e a consequente circulação de informação e conceitos), tecnologia digital, fotografia, literatura, enfim, sobre Arte (de uma forma geral).

A revista, desde o seu primeiro número, em 2008, buscando um formato moderno, com um perfil sensível e afeito às inovações, mantém, tradicionalmente, duas sessões: a primeira, ARTIGOS, em que se propõem reflexões, teorizações e inquietações acadêmicas e a outra, DESCOBRINDO CIENTISTAS – um diferencial de que nos orgulhamos -, em que se prioriza a produção de graduandos, oportunidade para que, nesse trajeto intelectual incipiente, os alunos possam ter vez e voz.

Disponibilizando e incentivando formas contemporâneas de construção, análise, difusão e compartilhamento de saberes, o número sempre crescente de artigos recebidos para cada edição nos deixa felizes e atesta que estamos trilhando o caminho certo: o de promover, com ousadia e liberdade, porém, sem abdicar do rigor científico, a publicação de textos que, versando sobre temas artísticos, científicos e tecnológicos, ao mesmo tempo, inequivocamente, reiterem a nossa vocação de se firmar como canal regular e democrático de divulgação artístico-científica. Temos ciência de que toda forma, de algum modo, expõe, intrinsecamente, uma ideologia, como preconizava

Maiakovsky, poeta do Modernismo russo, no início do século XX, *conteúdos revolucionários exigem também formas revolucionárias*.

Na contemporaneidade, novas configurações ganham relevância, se atrelando a alterações na estética tecnológico-digital, interferindo, como consequência, formal e ideologicamente, tanto na produção quanto na recepção do fazer artístico. Novos modos de expressão reivindicam também, paralelamente, novos e mais amplos campos de atuação. Nessa ininterrupta roda viva, os processos de representação, atrelados a formas até então inusitadas, não só procuram se adequar às transformações, às configurações insurgentes, como exigem abertura para novas interpretações, novas leituras, enfim, para outras ressignificações, outras contextualizações estético-semânticas. As vanguardas que vieram no bojo do Modernismo, questionando e transgredindo as instâncias canônicas, nos atestam isso. Velejando por *mares nunca dantes navegados*, essas novas formas de representação, ao propor novos suportes de expressão (materiais e virtuais), ao transitar no nosso cotidiano, entrelaçam artes e ciência, teorias e crítica, produção e recepção. Esperamos que o conhecimento, representado não só pelos avanços tecnológico-científicos, mas, também, pelo desejável e prazeroso trânsito através do universo da arte, como propõe a citação que inicia esta apresentação, possa, em sua diversidade, em seus desdobramentos, em sua permanente evolução, estar a serviço das mais legítimas aspirações e anseios do homem contemporâneo.

Vamos, pois, sem mais delongas, à leitura dos textos!...

Joel Cardoso

Maria Aparecida Donato

Ricardo Portella de Aguiar

(editores)